

8 RAZÕES PARA UM EDUCADOR (NÃO) ELABORAR UMA AUTOBIOGRAFIA

Pedro Filipe Cunha

Este artigo parte de uma investigação resultante da tese de doutoramento em Ciências da Educação “Música Bem Temperada – Narrativas de vida na Construção Identitária de um Educador Musical”.

Dentro das várias práticas da investigação, a pesquisa narrativa em educação musical pode significar uma oportunidade para mudar direções e seguir diferentes caminhos. O trabalho narrativo significa uma reconcetualização da forma como pensamos a abordagem da música, da educação musical e da pesquisa em educação musical (Barrett e Stauffer, 2009).

Consustanciada em várias abordagens pedagógico-musicais subjacentes, a investigação realizada levou-me a desejar compreender as ideias e práticas de alguns educadores musicais reconhecidos pela sua qualidade, quer junto das crianças, quer das instituições que os acolhem.

Chegar a essas práticas e seu processo de gestação /ajustamento não é possível por processos de medida, mas antes através de um caminhar pelas pessoas que, dentro de espaços e de tempos, conosco objetivam a subjetividade, contando-nos a sua experiência, como ela pode ser explorada e apresentada em história, permitindo ganhos no significado da experiência individual vivida (McCarthy, 2009).

Do ponto de vista da construção das identidades como dupla transação (Dubar, 1997) - subjetiva e objetiva, os dois sujeitos da investigação, que não o investigador, tiveram um papel preponderante na minha vida profissional tendo contribuído para o que hoje sou: um músico / educador musical, que ama a sua profissão e que a exerce com paixão.

Nesse estudo apresentaram-se três narrativas de vida. A de uma educadora de infância e a de dois educadores musicais. Noutras circunstâncias apresentaram-se alguns resultados sobre a “tradução” destas narrativas numa visão crítica do perfil do educador musical (Cunha, 2011) e apontando direções para uma boa articulação entre os profissionais do ensino, em particular no 1.º CEB (Cunha, 2012). Hoje é meu desejo partilhar algumas questões relacionadas com o processo de escrita autobiográfica. Uma destas narrativas foi autobiográfica. A minha. A do próprio investigador. À partida, encontrava-me perante uma encruzilhada do ponto de vista de escrita académica: sujeito e investigador num só ou apenas um ato de mutação constante de discurso entre os dois *eus*?

Clandinin e Connelly (2000) propõem a experiência narrativa do próprio investigador como processo autobiográfico. Os autores associam este processo à necessidade de o investigador interrogar as suas ideias e práticas e transportá-las para a investigação, atendendo às posições epistemológicas. As autobiografias não se resumem apenas a um enunciado de experiências passadas. Fazem-nas refrescar e interrogar sobre experiências futuras. O meu processo autobiográfico manifestou-se complexo e muito desafiante, já que, como investigador, me coloquei num movimento de “ida e volta” entre o sujeito e o investigador, entre o *eu* e o *outro*.

Gostava de partilhar algumas preocupações que se depararam no processo de escrita da minha pessoa e da análise da minha escrita enquanto investigador.

Não caí num exercício de dupla personalidade. Fui um só *eu*. Seguindo a identidade fundida assente nas autobiografias (Lejeune, 1991), quer o investigador quer o sujeito se trataram na primeira pessoa do singular. Optou-se por dar ao investigador o papel de uma análise mais objetiva e pragmática e proporcionar ao sujeito a subjetividade e objetividade reunidas. Oportunamente, o processo invertia-se quando o investigador intervinha numa visão mais objetiva e epistemológica. Dunbar-Hall (2009) refere-se à escrita na qual o investigador analisa quer a sua posição no campo, quer a influência que este foi obtendo na sua investigação. Lança a “auto etnografia”, onde o investigador é também objeto de investigação (Ellis e Bochner referido in Dunbar-Hall, 2009). Para ele, “escrever sobre auto-etnografia requer um movimento dentro e fora da atenção à medida que o investigador se reflete nas suas múltiplas identidades” (2009:175). O exercício autobiográfico, processo de múltiplos relatos em múltiplos

contextos confere várias identidades. Comparei a minha história a uma montanha russa, com altos e baixos, experimentando diversos contextos e adaptando-me, necessariamente, a eles. A este exercício empírico associaram-se correntes epistemológicas ligadas ao funcionalismo (conceito de identidade na escola), ao construtivismo (*meaning making*), ao interacionismo simbólico (importância das relações recíprocas entre o educador e as crianças), às teorias do conflito (questionamento de práticas e correntes estéticas) e às teorias pós modernas (experimentação de diversas práticas e estilos musicais. Estas teorias ajudam a compreender pensamentos, ações e contextos espaciais / temporais do autobiografado.

O desenvolvimento da minha narrativa é uma mescla da narrativa de uma educadora de infância e de um educador musical. A primeira profissional partilha o seus relatos numa dimensão marcadamente cronológica e factual. O segundo profissional inicia a sua narrativa também numa dimensão cronológica, mas cedo enfatiza outras circunstâncias pedagógicas que lhe relevam interesse. O meu discurso exprime uma cronologia manifesta nos relatos, mas assiste-se, igualmente, a considerações de ordem didática. Da minha narrativa, que foi escrita e não verbalizada, há duas sensações em simultâneo. A primeira impressão é que me é possível escrever e não escrever o que desejo porque o autobiografado sou eu. A segunda sensação reside precisamente na primeira. Pela liberdade de escrita sou, forçosamente, levado a pensar cada palavra que registo no computador. Logo, senti, desde o início da redação, um misto de liberdade e, em simultâneo, de clausura nas palavras que ia deixando. No meu processo autobiográfico, mais solitário do que um monólogo, não houve, ao contrário das outras narrativas, risos, lágrimas ou silêncios partilhados. Foi um processo de escrita mais oculto de emoções.

No final deste projeto, foi meu desejo, partindo daquelas duas narrativas de vida, compreender e conhecer o perfil de um educador musical na pessoa do investigador, que experimentou diversos níveis de ensino da música no exercício da sua docência. Como argumentam Bolívar e Domingo (2007:7)

Partilhar as nossas próprias experiências, interpretando eventos à luz da própria história de vida é, por si, uma poderosa fonte de formação e uma forma de projetar o futuro partindo do conhecimento e

experiência acumulados. A dialética da autointerpretação na primeira pessoa é uma forma de abordar a realidade pessoal e social.

Foram percursos calcados e coloridos nos jardins de infância, em escolas do 1.º e do 2º CEB. Foram experiências de partilha de competências ao piano com pessoas, desde os quatro aos setenta anos. Foram experiências no exercício da formação contínua de educadoras de infância e professores do 1º e 2º CEB. Através da autobiografia desejei compreender, também, o que as suas vidas (objetiva e/ou subjetiva) influenciaram a minha prática pessoal, pedagógica e musical.

Surgiram, no entanto, discussões no plano ético, algumas das quais Beccari e Petry (2011) já relataram em torno da investigação em histórias de vida. Lanço, com provocação, algumas sete objetos de discussão para (não) elaborar uma autobiografia. Por experiência própria. Do polo negativo ao polo positivo.

O lado brilhante

Quando se expõe um trajeto de vida profissional, o sujeito autobiografado pode colocar no seu percurso um simples *Curriculum Vitae*, onde são enfatizadas as principais ações realizadas. No entanto, há o risco ético do autobiografado enfatizar os seus melhores feitos em detrimento da verdade realmente acontecida. Não que sejam inválidos os relatos carregados de brilho ou mesmo mentiras (valida-se o brilho ou a riqueza da mentira na análise dos resultados), mas o exercício do investigador tornar-se-á mais delicado na mediação justa entre o sujeito, o objeto e o leitor. A questão aqui torna-se ainda mais delicada, dada a “negociação” existente entre o investigador e o sujeito que são a mesma pessoa. No fundo, o sujeito pode estar a enganar-se a si próprio.

O lado oculto

Há o risco ético de não se apresentar o lado oculto do sujeito, compensando este *não facto*, com o lado mais público e partilhável das nossas vidas. Bolívar *et al.* (2001) demonstraram que todo o sujeito autobiografado tem o seu lado oculto, não referido e muito menos mensurável. Sem consciência e/ou sem interesse em partilhar, está a nossa outra vida, escondida. Esta porta secreta, que todos nós, possivelmente, temos, pode dar acesso a questões delicadas de foro pessoal e/ou profissional. Este lado oculto pode traduzir, também, a própria pertinência do relato que faz com que o narrador opte por

ocultar informação da sua vida. Imagine-se, por exemplo, uma autobiografia que contém um espaço de tempo omitido que intervala circunstâncias manifestamente díspares entre os relatos. O leitor sentirá a falta de algo no meio daqueles relatos. Sentirá uma censura do próprio sujeito. Na minha autobiografia, as portas secretas existiram. Com efeito, ocultaram-se questões de ordem pessoal que podem ter tido também influência no meu percurso profissional e pessoal. Em contrapartida, partilhei alguns receios, alguns retrocessos e momentos menos felizes em contexto profissional e académico. Do ponto de vista da pertinência dos relatos, não foram expostos episódios profissionais que contemplassem temáticas não relacionadas com a música.

A modéstia

Existe o risco do autobiografado se apresentar sob forte modéstia, num exercício de falsa humildade, com o objetivo de realizar uma autobiografia “honesta”. Na verdade, o sujeito autobiografado deve ter consciência do seu percurso profissional ou mesmo de vida e constatar a importância que as suas memórias podem ter numa análise académica. Nesta dimensão as pessoas próximas do autobiografado têm um papel relevante já que validam ou não um determinado avanço neste tipo de investigação. Na minha narrativa, tendo em conta que me encontro a meio da minha carreira profissional, a minha reação a um processo de escrita desta natureza foi expectante. Receava, em mim, alguma presunção profissional e académica. A proposta de autobiografia fora avançada pela minha orientadora, acreditando que havia conhecimento empírico dentro de mim para (re)contar. As pessoas próximas de mim sorriram para mim em relação a este desafio. Inicialmente, tive dificuldade em escrever palavras que gostava de relatar. Pensei “Isto é muito presunçoso... Não posso escrever isto”. Num outro polo, tinha receio de circunstâncias que considerava irrelevantes ou sem interesse para o leitor. Valeu, novamente, a palavra dos que me são próximos, que, na perspetiva do *outro*, vêm validar e reforçar a real importância de algumas das nossas passagens profissionais. Repensei mais friamente e parti do princípio que o que partilhava tinha um objetivo pedagógico e mesmo de cidadania. Tudo partiu de um desassossego pedagógico que se percorre em mim sobre a (in)competência dos educadores musicais. Tentei colocar de parte e de imediato, palavras como “modéstia”, “presunção”, “currículo” e cingir-me apenas ao que considerava importante para a produção de conhecimento do potencial leitor do estudo: os formadores de educadores e eles próprios. No fundo, é despirmo-nos de modéstias e imodéstias.

O Bocejo científico

Imaginemos uma excursão onde se contemplam belas paisagens vistas do nosso autocarro. Imaginemos, em paralelo, o guia desse passeio mergulhado no seu conhecimento, inundar os passageiros com histórias que extravasam o seu interesse, tornando-se enfadonhas. Esta analogia ilustra o perigo dos relatos que o sujeito julga literariamente ricos se consubstanciarem academicamente pobres para o leitor. Procurei, na minha autobiografia, um equilíbrio entre o brilho e o oculto, entre a subjetividade e a objetividade, entre a tensão e o relaxamento (termos da composição musical). Procurei um equilíbrio equidistante entre o narrador e o leitor para que este recebesse, compreendesse e questionasse a mensagem partilhada. Muito ficou por escrever porque deparei-me, efetivamente, com o risco de realizar um texto inacabado, como o fundo de um poço que contém, ininterruptamente, histórias, lembranças, pensamentos e objetos ainda não visíveis.

Certezas incertas

Há o risco de problematizarmos certezas (Barrett e Stauffer, 2009) alicerçadas na comunidade de educadores. Dentro deste grupo profissional, encontramos as educadoras de infância, os professores do 1.º CEB e os educadores musicais entre outros. Cingindo-nos apenas a estes indivíduos e numa dimensão do *eu*, como podemos compreender o percurso de uma educadora de infância em contextos socioeconómicos desfavoráveis? E em contextos favoráveis? Como podemos compreender a mudança súbita que uma professora do 1.º CEB experimenta de quatro em quatro anos, com um novo grupo de crianças manifestamente diferentes? Como podemos compreender um educador musical que se adapta a diferentes projetos escolares e às diferentes dinâmicas dos professores titulares de turma? Não se pretende procurar uma verdade. Intenta-se compreender as suas ações espontâneas e questionar normas que contradizem práticas e mesmo teorias. O risco do autobiografado apresentar novos caminhos e apontar novas direções na sua área profissional específica agita, inevitavelmente, práticas há muito solidificadas. Este percurso empírico pode relevar autoridade de conhecimento e torna a autobiografia numa arma poderosa das narrativas de vida. Problematizar as (in)certezas existentes também nas áreas das expressões, é mergulhar dentro de contextos delicados da arte, colocando em constante confronto dialético as dimensões objetiva e subjetiva. A música é uma arte que consome tempo. O tempo. E por ser prospetiva merece o gozo

de ser questionada nos seus gostos. Gostos também se discutem. E as suas práticas também.

Elos reflexivos

Há o risco de se criarem elos consequenciais entre o investigador, o sujeito e o leitor, através da reflexão de outras práticas não oficiais. Lessard e Tardif (2009) têm partilhado o distanciamento entre a investigação académica e a prática profissional dos professores. A autobiografia pode ser uma fórmula bem sucedida no entendimento entre este grupo profissional que trabalha no terreno e os profissionais que se dedicam à investigação académica. Este género de escrita pode funcionar como um tradutor eficaz do investigador onde a subjetividade e a objetividade se dialogam através de elos reflexivos. Esta *reflexividade* emotiva, sublinhada por Hernández (2011), “relaciona-se com a força motivadora da ação, que tem a ver com a experiência corporizada do compromisso do investigador e com o fazer explícito que nos move à investigação” (2011:13).

Segredos escondidos

Um dos focos luminosos que a autobiografia pode despontar são as histórias que se revelam. Histórias onde há a necessidade de serem divulgadas porque se julgam importantes quer para o autoconhecimento, quer para o conhecimento científico. Na dimensão da prática dos professores, há o “perigo” de se conhecerem e de se compreenderem práticas pedagógicas escondidas, não explanadas nos manuais de pedagogia musical, nos seus próprios pares. Refiro-me a práticas pedagógicas “não oficiais”, que são consequência, muitas vezes, de percursos voláteis, sinuosos que permanecem ocultos e espoletam, neste contexto, no sujeito. E estes pormenores são apetecíveis ao saber humano. Como potenciais leitores, os professores agradecem “ouvir” estas vozes pois anseiam, diariamente, por um génio da lâmpada, dentro do bolso da sua bata, que responda a múltiplos e constantes desafios ao longo da sua vida profissional.

Identificação de perfis profissionais

Muitas investigações em narrativas de vida tentam compreender os percursos profissionais dos professores, dando-lhes voz de facto e de opinião. Objetivo e subjetivo. Através destas duas dimensões é possível validar retratos profissionais de professores. Pensemos nas diferenças visíveis entre, por exemplo, uma professora do 1.º CEB e uma professora de Geometria Descritiva do 12.º ano. Pensemos, entre um vasto rol, na diferença de relações com os pares, na diferença de gestão da própria aula, no mercado de trabalho de cada um dos grupos. A redação de uma autobiografia lucra na possibilidade de o leitor conhecer o percurso profissional ou mesmo de vida do sujeito, pelo sujeito, através do sujeito. Este conhecimento leva-nos a consolidar perfis de educadores de uma determinada área docente. Porque embora existam características comuns nos professores, há, certamente, particularidades identificativas nos diversos grupos de docência. E dentro destes subgrupos há a individualidade de cada professor que é única. Existe, causal e/ou consequentemente, o perigo de se identificarem perfis de educadores musicais, partindo do pensamento pedagógico único dos sujeitos, sem a pretensão de se criarem standards didáticos.

BIBLIOGRAFIA

BARRETT, M.S. & STAUFFER, S. L. (2009). Narrative Inquiry in Music Education. *In* Barrett, M. S. & Stauffer, S. L. (Ed.) *Narrative Inquiry in Music Education* (pp. 7-18). Springer.

BECCARI, E. & PETRY, P.P. (Rel.) (2011). Cuestiones éticas en torno a la investigación sobre historias de vida. Esbrina. *In* Hernández, F., Sancho, J.M. & Rivas, J.S. (Coord.) *Historias de Vida en Educación: Biografías en Contexto*. Esbrina-Recerca nº4. Universitat de Barcelona, pp.171-175.

BOLÍVAR, A., DOMINGO, J. & FERNÁNDEZ, M. (2001). *La investigación biográfico-narrativa en educación – enfoque e metodología*. Editorial La Muralla. Madrid.

BOLÍVAR, A. & DOMINGO, J. (2007). Biographical-narrative Research in Iberoamerica: Areas of Development and the Current Situation [112 paragraphs]. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, 7(4), Art. 12, <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs0604125>.

CUNHA, P. F. (2011). Soluções Para Ser Um Mau Professor de Música de Sucesso. *Livreto final do Colóquio Internacional "Portugal entre Desassossegos e Desafios"*. Centro de Estudos Sociais. Universidade de Coimbra.

CUNHA, P. F. (2011). A Quadratura da Música - Quatro agentes perfeitos para a Expressão e Educação Musical. *Livro de Atas do XI Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogía*. Universidade da Corunha.

CUNHA, P. F. (2012). Música Bem Temperada. Na Formação Inicial. *Livro de Atas do VII Congresso Ibero-Americano da Docência Universitária*. Universidade do Porto.

DUBAR, C. (1997). *A Socialização - Construção das identidades sociais e profissionais*. Porto Editora.

DUNBAR-HALL, P. (2009). Narrative Inquiry as reflection on Pedagogy – A Commentary. In Barrett, M.S. & Stauffer, S. L. (Ed.) *Narrative Inquiry in Music Education* (pp. 175-178). Springer.

HERNÁNDEZ, F. (2011). Las historias de vida en el marco del giro narrativo en la investigación en Ciencias Sociales: los desafíos de poner biografías en contexto. In Hernández, F., Sancho, J.M. & Rivas, J.S. (Coord.) *Historias de Vida en Educación: Biografías en Contexto*. Esbrina-Recerca nº4. Universitat de Barcelona, pp.13-22.

LEJEUNE, P. (1991). El Pacto autobiográfico. *Anthropos*, 29 (diciembre) 47-61.

LESSARD, C. & TARDIF, M. (2009). As transformações atuais do ensino: três cenários possíveis na evolução da profissão de professor? In Lessard, C. & Tardif, M. (org.). *O Ofício de Professor*. Editora Vozes. Petrópolis. 3.^a ed.

MCCARTHY, M. (2009). Layering Analytic Lenses. Considerations for Assessing the Narrative Text in Music Education – A Commentary. In Barrett, M. S. & Stauffer, S. L. (Ed.) *Narrative Inquiry in Music Education* (pp. 107-112). Springer.